



Cristo, a razão para fazer missões

“Faço tudo isso por causa do evangelho, para também ser participante dele” (1Co 9.23)

Pr. Tomé Antônio Fernandes – *missionário da JMM*

Introdução

Cristo é, realmente, único como Deus e Salvador? Dizer que só Jesus salva é entendido como uma mensagem de intolerância e arrogância. A afirmação “Jesus é Senhor” foi anunciada num contexto de pluralismo do Império Romano, caracterizado pelo helenismo, judaísmo e deuses romanos.

“Quem Deus é” influenciará e determinará o conteúdo e método da missão cristã. A unicidade de Cristo não é algo que nós reivindicamos, mas algo que Ele reivindicou para Si mesmo (veja João 14.6, 8.12, 11.25, 10.36, 5.17-18). Apresentamos e defendemos unicidade para Cristo, e não para o cristianismo e suas formas institucionalizadas. O que é único acerca de Jesus Cristo? Por que missões?

1) A razão para a ação missionária do cristão e igreja

A singularidade da pessoa de Jesus

Podemos dizer que Cristo é único em seu nascimento, em seus ensinamentos, em seus milagres, em sua vida peculiar, em sua morte, em sua ressurreição e em sua ascensão. Sem dúvida, a vida de Jesus e seus ensinamentos foram singulares. Desafiou seus oponentes com uma pergunta (veja João 8.46). Sua pureza moral deixou seus inimigos sem ação. Devido a sua impecabilidade, Jesus é o nos-

so advogado (1João 2.1 e 3.5), e foi um cordeiro sem mácula (1Pe 1.19, 2.22-24, 2Co 5.21). Os seguidores de outras religiões, certamente, encontrarão paralelos em seus profetas e escritos acerca dessas áreas.

No entanto, há algo sem paralelo na história humana e das religiões. É a pessoa de Jesus. O Evangelho não é simplesmente uma ideologia, um corpo de doutrinas ou um conjunto de códigos, regras, regulamentos. O Evangelho não é uma proposta humana. Se assim fosse, seria mais um sistema religioso em pé de igualdade com o islamismo, budismo, hinduísmo, espiritismo e outros “ismos”.

O Evangelho é uma Pessoa. Pessoa que é o Criador do mundo. Cristo é Eterno. Não tem começo e não tem fim. Faz parte da harmonia da essência de Deus na Trindade. Ele é a Palavra pelo qual Deus construiu o mundo. Veja Gênesis 1. Essa Palavra se fez carne em Belém, no 1º Natal (João 1.1-14). É uma Pessoa singular. Não tem paralelo na história religiosa e humana. Ele é ontologicamente peculiar. Tinha duas naturezas em uma só personalidade. Por isso, só Jesus é “o caminho, a verdade e a vida” (João 14.6). A sua ontologia explica a sua unicidade em matéria de salvação. Só Ele podia unir Deus e o ser humano, antes separados pelo pecado. A realidade das duas naturezas de Cristo, e a consciência do Deus Trino, não são fruto de espe-

culação humana, de mentes místicas e desengajadas da história, mas resultado da revelação de Deus. Nosso conhecimento de Deus é um conhecimento revelado. A Bíblia não é um livro acerca das religiões, mas o registro da atividade da revelação de Deus na história. A grande mensagem de Jesus não foi somente sobre o amor ou sobre a paz. Ele falou disso e de outros temas cruciais. Sua grande mensagem foi Ele próprio. Neste sentido, é peculiar. “Cristo pregou-se a si mesmo”. Veja as grandes afirmações no Evangelho de João sobre o “Eu Sou” – a luz do mundo, o pão da vida, a videira verdadeira, a ressurreição e a vida entre outros. Veja Mateus 11:28: “Vinde a Mim...e Eu vos aliviarei”. Ele é o Rei que tem dignidade, Único em pessoa e, também, na missão e nos ensinamentos. Uma cristologia baseada na doutrina da Trindade é a base da reivindicação cristã para a unicidade e universalidade do evangelho de Cristo.

2) O escopo da ação missionária

Seja co-participante do Reino, proclamando Jesus aos confins da Terra

Ação missionária é estar envolvido com o amor de Deus pelo mundo. Paulo se envolveu apaixonadamente com o plano de Deus na história. A Igreja em Corinto foi resultado desta ação missionária. Pau-

lo não insistia em seus direitos, caso isto fosse um tropeço ao Evangelho (confira 1Coríntios 9.1-15). Na parte seguinte do texto, em 1Coríntios 9.16-27, o assunto é a missão. Missão denota propósito, alvo e sentido de vida. Ligado à missão, os versículos 19 e 20, enquadravam-se dentro da lei judaica a fim de ganhar os judeus. Contudo, seu alvo era muito mais amplo. Ganhar, também, os gentios (9.21). Não mandava os pais gentios circuncidarem seus filhos (9.22). No verso 23, Paulo diz que fazia tudo isso por causa do Evangelho para ser co-participante dele.

Paulo apresenta aqui o modelo encarnacional como método de testemunho. Por cinco vezes Paulo usa a expressão “tornei-me”. Seguiu o exemplo de Jesus, que “se fez carne e habitou entre nós” (João 1), e se fez “escravo de todos, judeu para com os judeus, para os da Lei como se estivesse sujeito à Lei, para os sem

Lei tornei-me como sem Lei e fraco para os fracos”. O escopo da missão de Paulo era bem amplo.

A paixão de Paulo era de glorificar a Deus sendo co-participante do progresso e extensão do Reino (1Coríntios 9.23 e Colossenses 1.24). Daí as ênfases: “ai de mim se não pregar o Evangelho” (9.16); “tornei-me” para com os judeus, um judeu; “assim corro assim esmuro...” A mensagem de Jesus é de exclusividade ideológica, mas não sociológica. O Evangelho é para todos os povos, nações, tribos e línguas.

Glorifique a Deus sendo co-participante na extensão do Evangelho de Cristo de diversas maneiras. Que “para o louvor de Tua glória, vem Senhor, Tua história escrever através de nossa vida”, seja a nossa oração.

Conclusão

A universalidade do Evangelho é

por causa da singularidade da pessoa de Cristo. Não existe possibilidade de salvação sem Cristo (João 14.6, Atos 4.12, 1Timóteo 2.5-6). Temos de entender que Evangelho do Reino é uma coisa e Religião, qualquer que ela seja, é outra coisa. O Deus das Sagradas Escrituras é o Deus Trino, centralizado em Jesus Cristo, onde a encarnação, cruz e ascensão possuem um caráter decisivo universal.

Preguemos o Evangelho. O ser humano e o mundo precisam conhecê-Lo. O que é de real valor na vida e existência humana é o conhecimento de Deus que vem pelo Evangelho. Sem isso, a vida e a história são trágicas e redutoras. Foi Jesus quem perguntou: “que adianta o ser humano ganhar o mundo inteiro e perder a sua vida?”. Contudo, antes de pregar precisamos entender quem é Jesus e sua singularidade. Levemos Cristo e o Deus das Sagradas Escrituras aos extremos da Terra!





Missões: Privilégio e Responsabilidade Pessoais

“Faço tudo isso por causa do evangelho, para também ser participante dele” (1Co 9.23)

Pr. Sebastião Lúcio – ex-missionário da JMM

Introdução

“Contudo, quando prego o Evangelho, não posso me orgulhar, pois me é imposta a necessidade de pregar. Ai de mim se não pregar o Evangelho!” (1Coríntios 9.16)

De um modo geral, entendemos a obra missionária como uma responsabilidade da igreja de Cristo. Certamente é uma responsabilidade que a Igreja recebeu do Senhor para testemunhar e proclamar o Evangelho a todos os povos (Marcos 16.15). Essa tarefa, hoje, está em nossas mãos, pois muitos povos ainda estão esperando para ouvir as Boas Novas. É a tarefa mais urgente e necessária que a Igreja de Cristo tem no mundo: levar a mensagem da salvação em Cristo ao mundo inteiro. Esta é a tarefa missionária da Igreja.

Tarefa da Igreja?! Qual Igreja?

De modo mais amplo e geral, somos levados a pensar em missões como uma “tarefa da igreja”. Por isso muitos se escondem atrás de determinado “conceito de igreja” para afirmar a responsabilidade com a obra missionária sem considerar a dimensão pessoal de Missões. Precisamos compreender que a igreja, enquanto instituição (estatutos, regimento interno, projeto funcional, diretoria legal) não realiza a obra missionária. Nem tão pouco a igreja enquanto estrutura (prédios, salas,

móveis). Instituições e organizações não pregam nem testemunham do Evangelho. Esta tarefa é para a igreja em sua constituição de organismo vivo, pedras espirituais, que somos nós, povo de Deus, ativo, missionário, comprometido, testemunhas atuantes de Cristo no mundo. Pessoas pregam o Evangelho; pessoas testemunham do Cristo, Salvador e Senhor. Pessoas oram em favor de missões e ofertam para o sustento missionário. Pessoas vão ao campo atendendo ao chamado divino. Nossa Eclesiologia (a doutrina da Igreja) nos ensina que, como povo de Deus, fomos constituídos por Jesus como Suas testemunhas e proclamadores do Evangelho a todos. Esta tarefa da igreja é minha e é sua; é de cada pessoa que foi alcançada pela maravilhosa graça e misericórdia de Deus reveladas em Jesus Cristo. Quando falamos que missões é responsabilidade da igreja, queremos dizer que missões é tarefa de cada um de nós: pessoal, intransferível e inadiável.

Responsabilidade privilegiada

Em geral, pensamos em responsabilidade como uma tarefa árdua, difícil e, por vezes até, sacrificial. Sempre que ouvimos a palavra “responsabilidade” imaginamos algo que nos trará encargos e atividades que custarão esforço, bens e tempo. Não podemos nos enganar: mis-

sões é tudo isto e muito mais! Jesus mesmo sabia disso quando nos constituiu Suas testemunhas. Ele sabia a responsabilidade que é levar a mensagem de salvação ao mundo, e a batalha espiritual que a obra envolve. Entretanto, sabemos que é um privilégio participar do projeto missionário pelo fato de irmos ao mundo com uma mensagem divina. É sabido que os anjos gostariam de proclamar essa mensagem ao mundo (1Pedro 1.12), mas Deus nos deu este privilégio, não obstante nossas limitações humanas. Sem dúvida esta é uma séria responsabilidade, mas sua dimensão espiritual a torna um grande privilégio. Afinal esta é a única mensagem anunciada no mundo que leva aqueles que a recebem à eternidade. A tarefa missionária realizada pelo povo de Deus é obra que povoa o céu com vidas transformadas pelo Evangelho. Não existe privilégio maior do que este, e toda responsabilidade envolvida nesta tarefa é recompensada pelo resultado eterno que ela produz.

Envolvimento Pessoal

Missões é um apelo divino a cada pessoa que já recebeu a salvação em Cristo. Ainda que deva envolver toda a comunidade de fé, ela continua sendo uma tarefa de cada crente em sua consciência e compromisso de vida com o Senhor Jesus. Por isso

devemos desenvolver este privilégio de várias maneiras e em várias necessidades da obra missionária, como por exemplo:

1. Amando Missões – A obra missionária só se torna plenamente possível quando o crente pode sentir, pelo mundo perdido, o mesmo amor unilateral e sacrificial que Jesus sentiu. Não podemos esquecer que missões só se tornou possível porque Deus nos amou e nos enviou Seu filho ao mundo (João 3.16);

2. Encorajando – Podemos fazer contato pessoal com nossos missionários e suas famílias com palavras de encorajamento e estímulo através de cartas, e-mails, cartões, ou outras maneiras disponíveis em nossos dias. Paulo reconhecia o valor do encorajamento: “Por isso, irmãos, em todas as nossas dificuldades e sofrimentos temos sido animados por causa de vocês. A fé que vocês têm foi o que nos animou” (1 Tessalonicenses 3.7);

3. Divulgando a obra – Pessoas precisam conhecer a obra missionária para se envolver nos projetos que Deus tem desenvolvido através de nossos missionários em várias partes do Brasil e do mundo. Passe adiante as mensagens missionárias, estimule pessoas a conhecerem as necessidades de oração e apoio, seja um divulgador das coisas boas que Deus está fazendo, que fazem o nosso coração

ferver de alegria e regozijo espiritual por Missões (Salmos 45.1);

4. Orando em favor de Missões – As orações intercessórias do povo de Deus em favor da obra de evangelização mundial têm sido uma verdadeira alavanca espiritual a serviço do avanço missionário no mundo. Envolve-se na intercessão missionária, pois a oração de um justo é poderosa em seus efeitos (Tiago 5.16);

5. Ofertando – Consagre seus bens a Deus através de ofertas missionárias que representem a dimensão do seu amor em favor da evangelização mundial. Compartilhe suas bênçãos materiais e exerça a liberalidade cristã em favor dos povos e nações que ainda não ouviram a mensagem de Cristo, certo de que realmente “Deus ama ao que dá com alegria” (2 Coríntios 9.7);

6. Enviando missionários – Uma maneira de fazer missões é ajudar a enviar alguém que esteja disponível para ir aos campos. Se por algum motivo você não pode ir pessoalmente ao campo, ajude alguém que possa ir através do Projeto de Adoção Missionária (PAM). Dessa forma você responde de modo positivo à pergunta bíblica: “como irão se não forem enviados?” (Romanos 10.15);

7. Indo – Quando Deus nos chama para dedicar nossa vida nos campos missionários Ele nos dá a oportunidade de testemunhar a pessoas que talvez nunca ouvirão o Evangelho

de outra maneira. Como recusar este privilégio de levar a mensagem da vida eterna ao mundo com nossas próprias palavras e com nossa própria vida? Por isso a Palavra nos encoraja a atender ao chamado missionário: “quão formosos os pés que anunciam as Boas Novas” (Romanos 10.15).

Estas possibilidades mostram que, na obra missionária, há espaço para todos e para cada um participar cooperando com Deus. Ninguém tem motivo ou desculpa para ficar de fora.

Conclusão

Não podemos somente pensar na obra missionária como responsabilidade pessoal a ponto de nos estressarmos. Devemos fazer o que estiver ao nosso alcance para avançar com a mensagem até os confins da terra. Certamente, missões é minha tarefa pessoal. É uma tarefa inescusável, inadiável e intransferível. É uma obra que não aceita desculpas pessoais, que possa ser deixada para depois, ou mesmo que eu possa deixar nas mãos de outros. Como cristãos, precisamos nos envolver direta ou indiretamente no projeto missionário que Deus nos deu em favor do mundo. Este envolvimento deve ser na plena convicção de que fazer missões não é somente uma responsabilidade, mas, sobretudo um privilégio que Deus me dá.





Por que devo ir até os confins da Terra?

“Faço tudo isso por causa do evangelho, para também ser participante dele” (1Co 9.23)

Pr. Francisco Sanches – missionário da JMM

O tema “Por Cristo, vou até os confins da Terra” pode ser abordado a partir de vários textos bíblicos. Preferimos tomar Atos 1.8 e nele nos ater, considerando, primeiramente, o “porquê” do ir. Cada ação deve ser justificada por uma razão séria, do contrário, cai-se no solo da casualidade.

Por que devo ir até os confins da Terra? A melhor resposta deve vir da percepção do “propósito de Deus”. O Universo é resultado do propósito bem definido, bem determinado do Senhor. Tudo o que existe manifesta uma finalidade inteligente da parte do Criador. Assim, o ser humano é o clímax desse propósito na ação de Deus, vindo a existir para “louvor de Sua glória” (Efésios 1.6).

É inegável a realidade histórico-teológica da corrupção moral e espiritual da pessoa humana, a sua experiência de pecado, que alienou a criatura do Criador, sem contudo inviabilizar a efetivação dos planos divinos. A intervenção do diabo trazia em seu bojo tal intenção. O que o diabo não poderia prever é que Deus não se deixa surpreender. O advento da queda estava incluso na obra completa e perfeita de Deus: “eis que tudo era muito bom.” A Redenção é realidade constituinte do propósito divino na eternidade e não uma ação emergencial, consequente do advento do pecado (1Pedro 1.10-12

e 20-21; Apocalipse 13.8).

Do Éden à cruz, ainda que enfrentando resvalos humanos, a perseverança divina move a história e, na sucessão de eventos, efetiva sua finalidade, a redenção do homem (Weltgeschichte e Heilsgeschichte*). Os séculos de preparação, no Antigo Testamento, apontam uma tarefa universal do povo de Deus naquela dispensação que se projeta, mais explicitamente, na revelação e no pacto da Nova Aliança, na qual o propósito divino efetiva a obra justificadora na pessoa de Jesus de Nazaré, Senhor e Cristo (Lucas 24.44-49; Atos 10.37-43).

O Cristo, ressurreto dentre os mortos, incumbe, pois, sua Igreja, o novo Israel, o Israel da fé, de tornar-se o agente histórico da continuidade da História numa linearidade dirigida à sua consumação, que será a manifestação em concreto de seu propósito eterno feito na pessoa de Seu Filho, Jesus Cristo (Efésios 1.10 e 3.10 e 11; Mateus 28.20b).

A missão, o encargo dado pelo Mestre, reveste-se de significado e relevância transcendentais a qualquer outro, pois implica na proclamação da mensagem que nenhuma outra instituição é capaz, ordenada e autorizada a fazer: proclamar vida em Jesus a todos os seres humanos (Lucas 24.47). A obra completa de Cristo aniquilou a morte, maior pa-

vor e humilhação do homem, e o trouxe à luz a vida e a imoralidade, maior anseio e realização do homem (2Timóteo 1.8-10; Hebreus 2.13 e 14).

À luz dessa realidade, o amor de Deus aos homens há que ser anunciado a todos os povos da Terra, cada geração à sua geração, simultaneamente, carecendo de execução por parte da Igreja do Senhor Jesus Cristo, o que implica mandamento, carecendo e execução e, por consequência, da parte de cada crente. A Igreja é constituída de membros (pessoas regeneradas) e, somente quando cada membro desincumbir-se da missão, a Igreja o terá feito através de cada um desses seus membros. Por isso, por Cristo, vou até os confins da Terra.

Mas, por que devo ir até os confins da Terra?

1.1) Porque Cristo é a expressão máxima do amor do Pai por mim e pelo mundo (João 3.16; Romanos 5.8; Gálatas 2.20).

Uma leitura cuidadosa da Bíblia nos revela, em toda a extensão de seu conteúdo, a grandeza do caráter de Deus, amando a pessoa humana, pacientemente buscando-a, perdendo-a, suportando seus erros, suas falhas, seus pecados. A história de Israel é a história da bondade divina, de Sua longanimidade, como

Pai amoroso, sempre cercando-o de atenção, cuidado, suprimindo cada necessidade.

Se quisermos deixar outros conteúdos, bastam-nos os Salmos e o registro ali, de experiências sublimes. Mas quando chegamos ao Novo Testamento e lemos de Jesus, de Seus ensinamentos, de Suas ações, de Sua entrega por nós, temos de nos curvar, adorar, agradecer pelo que hoje temos e somos. O impacto da glória de Cristo em nossas vidas (João 1.14), é tão forte que não podemos negligenciar o privilégio do encargo. Como Pedro e João, temos que dizer: “Não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido” (Atos 4.20).

1.2) Porque Cristo nos manda ir

Na vida, durante nosso estágio terreno, somos sujeitos a muitas diferentes autoridades em muitos diferentes contextos, e obedecemos. Sabemos que tal disposição nos garante uma vida calma e tranquila. O Senhor Jesus nos concede a paz que promana da nossa justificação pela

fé nEle, conciliando-nos com Deus, fazendo-nos filhos e herdeiros (João 1.12; Romanos 5.1 e 2 e 8.14-17).

Encontramos registrados, no Novo Testamento, cinco vezes o mandamento de ir; quatro vezes nos Evangelhos e uma vez em Atos. No Evangelho de João, Jesus afirma: “Aquele que tem os meus mandamentos e os pratica, esse é o que me ama”; “Vós sois meus amigos se fizerdes o que eu vos mando” (João 14.15 e 21; 15.14). Obedecer ao Senhor Jesus é honrá-Lo; é aceitar a honra que nos concede em dar-nos tão elevado encargo.

1.3) Porque Cristo fê-lo, deixando-nos Seu exemplo, estimulando-nos a segui-Lo.

Há uma série de registros dos atos de Jesus que nos estimularam atuar no mundo. Dois desses registros falam do “fazer-se homem” (João 1.14; Filipenses 2.5-11). Neste último, o fato é descrito de maneira tão viva que já deu até ocasião a um sistema teológico equivocados, chamado de “A morte de Deus”. No registro de Filipenses a tradu-

ção “sentimento” deve se entendida como “percepção”, “entendimento” (phronete). Jesus fez tudo o que fez por entender nossa condição, necessidade, e por se submeter à vontade do Pai: do céu veio ao mundo, aonde o Pai O enviou; tornou-se a pessoa que o Pai queria que ele fosse; fez a obra que o Pai queria que ele fizesse, proclamando-a “consumada”. Ele nos estimula com Seus atos: “para que como eu fiz, assim, façais vós também” (João 13.14 e 15; 1Pedro 2.21).

O ministério abrangente de Jesus foi de total dinâmica (Mateus 9.35). Sua preocupação: as multidões carentes. Seu sentimento: a compaixão (splanchnon). Sua ação: fazer o bem. Seu fazer: com perfeição. Sua disposição: obedecer o Pai (João 4.34 e 13.49 e 50).

O discípulo segue o Mestre e empenha-se por repetir o Mestre. Jesus é o nosso Mestre. Por isso: por Cristo, vou até os confins da Terra.

(*) Karl Löwith: Meaning in History (tradução inglesa do original alemão, 1949).





A causa que vale a pena

“Faço tudo isso por causa do evangelho, para também ser participante dele” (1Co 9.23)

Pr. Josué Campanhã – Diretor da Sepal Brasil

O dia 11 de setembro de 2001 ficou conhecido em todo o mundo como o maior atentado terrorista da história da humanidade. Aconteceu em Nova Iorque, nos EUA. Além dos prédios derrubados, cerca de 6 mil pessoas morreram ou desapareceram. Morreram pela ação de terroristas que, motivados pela causa que acham certa, mas que é certamente errada, jogaram aviões lotados contra dois prédios. O atentado é um ato criminoso. Todos nós condenamos os atentados terroristas e temos até medo deles.

No entanto, gostaria de refletir sobre um outro tipo de atentado. Em primeiro lugar ele não é um ato criminoso, mas talvez seja até um pouco pior. Depois, ele não é cometido por terroristas com uma falsa esperança, mas é cometido por cristãos que têm esperança de uma vida eterna. Este atentado não usa explosivos ou aviões seqüestrados, mas poderosas armas invisíveis como desprezo, desinteresse e insensibilidade. Trata-se do “atentado missionário” que muitos cristãos cometem semanalmente.

Quando um terrorista descobre a falsa esperança que lhe é vendida, já é tarde demais e acabou morrendo por ela. O cristão, depois que descobre a esperança de vida eterna, morre com ela, sem repartir com

os outros. O terrorista faz qualquer coisa para arranjar dinamite e bombas, amarra-as ao corpo e explode tudo que for possível. O cristão pega a Bíblia “dinamitada” que tem à sua mão, e guarda-a bem guardada, com medo que ela faça estragos em sua vida e na vida das pessoas que estão ao seu redor.

O terrorista tem alvos específicos. Ele quer explodir prédios e matar pessoas. O crente muitas vezes não tem alvo. O máximo que ele faz é construir alguns prédios que são chamados de “igreja” para se esconder dentro deles. Talvez a única coisa em que o terrorista e o cristão são iguais é que ambos podem matar pessoas. O terrorista quer matar pessoas para defender sua causa. O cristão pode matar algumas pessoas por não propagar a sua causa.

Como disse acima, cerca de 6 mil pessoas morreram naquele atentado terrorista. Centenas de pessoas continuam morrendo todas as semanas em várias partes do mundo em atentados terroristas. No entanto, milhares de pessoas morrem diariamente pelo mundo, por causa dos “atentados missionários” cometidos por milhares de cristãos. Um cristão comete um “atentado missionário” quando deixa de fazer aquilo que Deus está pedindo que ele faça pela obra missionária. Um cristão comete um “atentado missionário” quan-

do deixa de orar, contribuir, ir, pregar ou ensinar todas as coisas que Jesus mandou.

Muitos também cometem “atentados missionários” quando desprezam a obra missionária, são insensíveis à necessidade de testemunhar de Jesus ou simplesmente não se interessam pela salvação de mais pessoas. O resultado são milhares de pessoas morrendo todos os dias, sem esperança e sem Jesus, e que habitarão o inferno eternamente. Isto sim, é um verdadeiro atentado, sem chance de reação por parte dos atingidos.

Para debater a questão em grupo, e saber se você tem participado dos atentados missionários ao redor do mundo, responda às perguntas a seguir:

- 1) Diante da morte de pessoas por causas que não valem à pena, qual a sua reação?
- 2) Pela causa de Cristo, pelo sacrifício que Ele fez, você entregaria a sua vida?
- 3) Você tem orado por missões constantemente?
- 4) Ajuda a sustentar missionários?
- 5) Obedece ao Ide de Jesus em sua vida?

Se você respondeu “Sim” às perguntas, alegre-se, pois você está contribuindo para levar salvação a muita gente. No entanto, se você respondeu “Não”, leia o estudo outra vez e pense um pouco no assunto.